



Grupo de mulheres na Atenção Básica: o cuidar de si

Group of women in Primary Health: the selfcare

Ana Julia Santos Matos¹
Alana Pereira Rodrigues²
Débora de Souza F. Ramos³
Alexandra Iglesias⁴

RESUMO

Este artigo descreve uma experiência vivenciada com grupo de mulheres em uma Unidade de Saúde da Família de Vitória (ES). A experiência evidenciou que mulheres se destacam como importante grupo a ser atendido além das práticas médicas, já que outras dimensões compõem o universo feminino. **PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia. Sistema Único de Saúde. Atenção básica. Grupos. Saúde da mulher.

ABSTRACT

This article aims to describe an experience with a group of women in a Family Health Unit in Vitória (ES). The experience showed that women stand out as an important group to be attended beyond medical practices, since other dimensions permeate the female universe. **KEYWORDS:** Psychology. Health Unic System. Primary Care. Groups. Women's health.

RESUMEN

Este artículo describir experiencia vivida con un grupo de mujeres en una Unidad de Salud de la Familia en Vitória (ES). La experiencia ha enseñado que mujeres se destacan como grupo importante a ser atendido además de prácticas médicas, ya que otras dimensiones permean el universo femenino. **PALABRAS LLAVE:** Psicología. Sistema único de Salud. Atención Primaria; Grupos; La salud de la mujer.

* * *

¹ Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: anajuliasmt@gmail.com

² Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. E-mail: alanapr@gmail.com

³ Discente de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. E-mail: deborasramos@gmail.com

⁴ Docente da Graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. E-mail: leiglesias@gmail.com

Introdução

O Sistema Único de Saúde (SUS) surge a partir de fortes críticas ao modelo de saúde com ênfase curativista e biologizante prevalente no Brasil ao longo da história, com uma perspectiva de buscar um novo olhar sobre as práticas de cuidado (Furtado & Carvalho, 2015). É possível afirmar que esse sistema de saúde tem por objetivo superar o modelo hegemônico biologicista, medicalizador e centrado no hospital ao propor uma perspectiva que considera as condições gerais de vida como determinantes do processo saúde-doença, bem como a atuação integrada entre diversos setores e atores como imprescindível na promoção de um cuidado mais efetivo e eficaz. Para tanto, novas políticas de saúde foram e são constantemente criadas, reformuladas e difundidas nos diferentes serviços públicos de saúde.

Nesse novo modelo de saúde, a Atenção Básica (AB), âmbito das práticas desse estudo, destaca-se por seu lugar privilegiado de proximidade com a vida das pessoas, onde elas habitam e trabalham, sendo a porta de entrada principal do sistema e podendo propor ações mais condizentes com as realidades e necessidades em saúde da população.

Na medida em que se consolida o sistema de saúde, outras demandas e desafios aparecem nos serviços, o que requer um suporte técnico e material para garantir uma melhor resolutividade e eficiência do trabalho em saúde. Diante disso, a inserção da Psicologia na AB surge com o propósito de apoiar, construir e ampliar as ações de saúde desenvolvidas. Com sua atuação atrelada neste nível de atenção ao Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF), tal dispositivo emerge com a finalidade de integrar as equipes de saúde, configurando-se como um grande passo em prol do fortalecimento do SUS e, mais especificamente, da consolidação da integralidade do cuidado (Cela & Oliveira, 2015; Belotti, Iglesias & Avellar, 2019).

A Psicologia, em um trabalho conjunto com outros atores da saúde, deve superar as convencionais práticas clínicas do consultório privado, na direção de uma diversificação da oferta de cuidado a partir das necessidades

do território de abrangência do serviço. Na Atenção Básica, o psicólogo deve se articular às equipes de saúde como forma de aumentar o acesso e a qualidade desse nível de atenção, e extrapolar o modelo clínico tradicional de atenção psicológica, cuja clientela usualmente se insere na classe média ou alta (Alexandre & Romagnoli, 2017). Para Marques e Oliveira (2015, p. 4), o papel da psicologia na atenção à saúde pública deve se moldar a partir das necessidades e demandas da população, redescobrando novos modos de colaborar nas transformações sociais.

Para atender a diversidade de demandas presentes nos territórios, passam a compor o campo de atuação dos profissionais de saúde, incluindo o psicólogo, diferentes áreas estratégicas: saúde da criança e do adolescente; saúde mental; reabilitação e saúde integral da pessoa idosa; alimentação e nutrição; serviço social; saúde da mulher dentre outras (Furtado & Carvalho, 2015). Desse modo, para além da ferramenta da psicoterapia, a Psicologia pode contribuir com outras práticas inventivas e potentes como, por exemplo, discussões com os profissionais, a comunidade e as famílias do território; ações coletivas com base nas necessidades sociais e em saúde; acolhimentos; visitas domiciliares ou ainda ações grupais (Alexandre & Romagnoli, 2017).

As práticas grupais com usuários e grupos populacionais têm sido privilegiadas nas portarias e programas do SUS, especialmente na AB (Furlan & Campos, 2010). Isso porque as ações grupais possibilitam que a relação entre profissional e usuário se estreite, de modo a qualificar o cuidado em saúde e potencializar o compartilhamento de diferentes vivências e saberes. O espaço do grupo pode proporcionar, ainda, a construção de relações mais horizontalizadas, em que a imposição de práticas e a hierarquia, características presentes por vezes na clínica tradicional, passam a ser questionadas. O território, o indivíduo e os diferentes elementos que o compõem fornecem outras dimensões que fogem do modelo curativo-individual. Essas dimensões destacam modos singulares de se pensar a prática de promoção à saúde e prevenção de doenças (Alexandre & Romagnoli, 2017).

Ao ter em vista que tais ações em saúde devem considerar o território e a realidade social na qual os indivíduos estão inseridos, as mulheres no contexto dos serviços de saúde se destacam como um importante grupo a ser atendido e priorizado. As mulheres se caracterizam como as usuárias mais frequentes nos serviços de saúde, seja em busca de atendimento para elas em ações de assistência em saúde, como, contracepção, prevenção de câncer entre outras; seja como acompanhantes dos seus familiares para certos cuidados em saúde (Nunes, Oliveira, Machado, Costa & Vieira, 2014).

Para atender à demanda de cuidado, desde os anos 1980 uma nova abordagem sobre a saúde da mulher foi instaurada, ao incorporar o enfoque de gênero, a integralidade como princípio fundamental e a busca por avanços nos direitos sexuais e reprodutivos (Coelho, Silva, Oliveira & Almeida, 2009). Para além das práticas médicas, a mulher deve ser compreendida em um sentido mais amplo, em um cuidado que leve em conta as multiplicidades que permeiam suas demandas, suas relações e seus processos de saúde e adoecimento.

No contexto da AB, Lacerda, Pereira, Castro e Santos (2019) pontuam que as mulheres têm apresentado mais demandas, constituindo-se como um importante grupo nas ações de saúde, principalmente no campo da saúde mental. As mulheres, quando comparadas com os homens, evidenciam um maior índice de quadros clínicos de queixas somáticas, sintomas depressivos, quadros ansiosos e alterações do humor. Desse modo, o cuidado e o estímulo ao cuidar de si podem vir como uma rica proposta de intervenção no sentido de promoção à saúde, que pode se desenvolver individual ou coletivamente (Pacheco & Antunes, 2015). O autocuidado se constitui como um dos temas que toca diretamente o corpo e a saúde feminina.

Cuidar de si pode ser entendido como uma relação particular na qual se tem a prática de cuidado em benefício do sujeito, para a manutenção da vida, da saúde e do bem-estar (Pacheco & Antunes, 2015). Ao agregar o saber técnico e o saber da comunidade, o movimento em direção ao cuidar de si promove o fortalecimento da pessoa fragilizada, para que esta possa encarar

seus desafios positivamente. Para Silveira e Lunardi (1999), o cuidado de si pode ser compreendido como uma tecnologia que permite aos indivíduos, seja com o auxílio de outros ou por conta própria, operações sobre o corpo, pensamento ou conduta que possibilitam transformações de si mesmos.

Nessa perspectiva, tendo em vista a atuação do profissional de Psicologia na AB e a potencialidade das ações grupais, essencialmente na atenção em saúde das mulheres, busca-se com esse estudo apresentar uma experiência vivenciada em um grupo de mulheres em uma Unidade de Saúde da Família (USF) localizada no município de Vitória (ES).

Método

Trata-se de um estudo descritivo qualitativo, do tipo relato de experiência, desenvolvido a partir da entrada na rotina de uma USF do município de Vitória (ES) por meio de projeto de extensão vinculado à Universidade Federal do Espírito Santo. A extensão universitária tem como objetivo oportunizar o aprendizado da atividade profissional, em consonância com o projeto pedagógico do curso de Psicologia, que destaca a importância de uma formação crítica e compromissada com as questões éticas e sociais nas mais diversas áreas de atuação.

A inserção na USF do município ressalta a participação de estudantes no planejamento, acompanhamento e contribuição nas atividades realizadas no serviço, em conjunto com a profissional de Psicologia da unidade e a professora orientadora, dentre outros profissionais. A ideia é que o estudante possa construir vínculos, bem como conhecer a dinâmica do ambiente de trabalho, suas potencialidades e desafios.

A USF em que a experiência foi vivenciada, constitui-se como referência para os munícipes de quatro bairros periféricos do município de Vitória/ES, que totalizam 11.855 habitantes (IBGE, 2010). A USF é constituída por quatro equipes de Saúde da Família, além de uma equipe de apoio com uma psicóloga, uma assistente social, um profissional de educação física e uma farmacêutica. Ainda compõem o NASF três residentes do

Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família, sendo uma educadora física, uma nutricionista e uma fonoaudióloga.

Calente (2017) destaca que o município de Vitória conta com uma especificidade, já que com a proposta de ampliar a capacidade de resposta às necessidades de saúde da população e a resolutividade na AB foram inseridos nos serviços outros profissionais, chamados profissionais de apoio, como farmacêuticos, fonoaudiólogos, assistentes sociais, sanitaristas, profissionais de educação física, psicólogos, dentre outros, no ano de 2007, antecedente à criação do Nasf-AB.

A Psicologia neste contexto oferece diferentes práticas enriquecedoras que vão desde atendimentos individuais até a formação e elaboração de grupos junto a outros profissionais do serviço e do território. Historicamente, o município tem enfatizado propostas de ações coletivas na área da saúde (Iglesias *et al.*, 2009). Na unidade em foco, tem-se grupo de adolescentes, grupo de saúde mental e grupo de mulheres. A Psicologia na USF participa também de outros espaços como: atividades intersetoriais, matriciamento, reuniões de equipe e visitas domiciliares, por exemplo.

Neste estudo, destaca-se o Grupo de Mulheres que surgiu no final de 2015 a partir das demandas apresentadas pelas mulheres nos atendimentos individuais da psicóloga da unidade. Foi possível visualizar, naquele momento, uma queixa comum entre as usuárias atendidas: mulheres de meia idade que dedicaram a vida ao cuidado do lar, dos filhos, do marido e familiares e não possuíam planos e projetos individuais. Os relatos tinham em comum a prática de cuidado sempre voltado aos outros e pouco voltado para si.

Tal situação gerava sofrimentos que apareciam nos atendimentos relacionados com os quadros de ansiedade e/ou depressão. A partir disso, entendeu-se que se tinha uma demanda possibilitando a criação de um grupo de mulheres, cujo principal objetivo seria trabalhar a saúde dessas mulheres

e, em específico, o seu autocuidado, de modo a estabelecer um espaço voltado para elas.

O Grupo de Mulheres acontece semanalmente, nas segundas-feiras, iniciando às 8h, com duração de uma hora. O horário de início e o tempo de duração foi um pedido das próprias mulheres de maneira que fosse possível inserir o grupo nas rotinas de cuidados domésticos e de cuidado dos familiares. O grupo é conduzido pela psicóloga e estudantes de Psicologia e conta com uma média de 10 participantes.

Historicamente, esse grupo conta com o apoio de estagiárias de diversas instituições de ensino superior na sua condução, não somente do campo da Psicologia, bem como outros profissionais da unidade, a saber: fonoaudióloga e assistente social. O grupo tem como critérios de inclusão mulheres de meia idade que já foram atendidas pela psicóloga e/ou foram indicadas por outros profissionais das equipes da unidade. Médicos, enfermeiros ou outros profissionais que, durante seu atendimento ou reunião de equipe, visualizem que a mulher tenha idade superior a 20 anos, assim como apresente queixa relacionada às questões do feminino. Com isso, enquadra-se nos critérios de inclusão podendo ser encaminhada para os encontros. Dentre as queixas mais observadas no ato de inclusão de mulheres no grupo, estão: a sobrecarga de trabalho, o acúmulo de funções, a dificuldade em realizar atos de autocuidado, a falta de perspectiva e projetos individuais, a maternidade e suas implicações, os relacionamentos amorosos, a autoestima, a sexualidade e o envelhecimento.

Desde o início de sua formação, as atividades desenvolvidas neste grupo buscam trazer algum dispositivo, tais como textos, vídeos ou outras dinâmicas para conduzir a conversa/reflexão. Os encontros levam em consideração as experiências relatadas pelas usuárias e os diferentes temas que surgem: família, saúde, maternidade, casamento, violências, autoestima, dentre outros. Cada encontro evidencia diferentes questões que envolvem o cuidado e o ser mulher.

Para registro dos encontros, foi utilizado como dispositivo o diário de campo, que recolhe os efeitos e reverberações dos encontros a partir do registro das impressões, dos sentimentos e das discussões geradas no grupo. O diário foi utilizado na elaboração deste relato, respeitando-se os procedimentos éticos de pesquisa, garantindo-se o sigilo, a confidencialidade e o resguardo da identidade das usuárias participantes.

Grupo de Mulheres na Atenção Básica

O modo de trabalho deste grupo se caracteriza por um modelo participativo, de construção conjunta, contrariando a perspectiva pedagógica de transmissão de conhecimento e hierarquia dos profissionais em relação aos usuários (Tiveron & Guanaes-Lorenzi, 2013). Assim, as temáticas são abordadas e desenvolvidas tendo em vista aquilo que as mulheres participantes trazem sobre cada tema. Aposta-se em um espaço de escuta com foco na manutenção do cuidado e do acolhimento, pautado nas experiências de cada mulher.

A escolha dos dispositivos para condução do grupo é uma estratégia que busca coletivamente encontrar disparadores para a reflexão da temática a ser abordada no encontro. O compartilhamento das reflexões individuais e a construção de problematizações coletivas cria um espaço cogestivo que extrapola o encontro, na direção de transformações nas práticas da vida.

A seguir, será salientado um dos encontros realizados com o grupo de mulheres no qual se discutiu o autocuidado, tendo como disparador uma atividade realizada com espelhos.

Atividade com espelhos

A atividade teve o objetivo de trabalhar com as usuárias que frequentam o grupo de mulheres o autocuidado e o olhar sobre si. A proposta surgiu diante de relatos trazidos pelas participantes, em que muitas delas, durante o percurso no grupo, trouxeram não conseguir se olhar no espelho, nem reservar na rotina um momento para cuidar de si. Muitas relataram não enxergar seus traços e características positivas.

No encontro do grupo, foi proposto como atividade um trabalho com espelhos. Para a realização da atividade, foram distribuídos pequenos espelhos em cima das cadeiras individuais que foram organizadas no auditório da unidade. Em cima de cada uma das cadeiras, foi colocada também uma folha de papel A4, canetas e lápis para auxiliar. Por um minuto, cada mulher deveria visualizar no espelho disponibilizado suas características, feições, pele, cor do cabelo, cor dos olhos, marcas e sinais que compõem o seu corpo e que fazem parte de suas histórias. Com a folha de papel, deveriam registrar o que viam e as sensações despertadas no momento.

A atividade do espelho trouxe algumas questões que envolvem o manejo e a condução grupal. As mulheres, ao se olharem no espelho, tiveram bastante dificuldade em expressar as sensações e sentimentos despertados no momento da prática. Ao se deslocar do objetivo em conjunto com a psicóloga, foi possível observar a necessidade de que o tema fosse trabalhado novamente em outros momentos. Sem que fosse possível prever, o exercício proposto despertou afetos que necessitavam de um tempo maior para a elaboração e trabalho.

Moliterno *et al.* (2012) realçam a atuação dos psicólogos nas vivências grupais como facilitador para que o processo do grupo se desenvolva. Sem a imposição de normas ou regras, o papel de facilitador tem o objetivo de viabilizar o desenvolvimento do grupo, dentro do seu próprio ritmo. Entretanto, no manejo dos grupos é importante levar em conta a imprevisibilidade, as modificações nos cursos provocados pelo próprio encontro, temática que deve ser mais discutida e estudada (Silva, Lorenzi e Ness, 2018). Nem sempre o processo grupal se desenrola como previsto, já que novos sentidos e ideias são produzidos para cada pessoa na medida em que há reflexão e compartilhamento de ideais.

No encontro aqui narrado, uma das mulheres, ao se deparar com o espelho, recusou-se a fazer a atividade e começou a chorar. A profissional prontamente a acolheu e a deixou à vontade para participar quando se sentisse confortável. A psicóloga, com as extensionistas, puderam perceber nesse momento os incômodos que o se olhar no espelho despertou no grupo.

Para algumas usuárias, o ato de se olhar não gerou desconforto enquanto, para outras, o processo se mostrou muito difícil e desafiador.

De acordo com Pacheco e Antunes (2015), ao pensar a inserção de rotinas de encontros em rodas de conversa ou grupos, pode-se observar o auxílio e a possibilidade de construção coletiva e promoção da ideia de autocuidado. Quando os sujeitos interagem na dialética do ensinar-aprender, descobrem o modo de agir do outro e avaliam sua própria forma de viver a vida. O compartilhar do incômodos e desafios proporcionam um ambiente propício para trocas e afetos.

Encerrado o tempo previsto para a prática de se olhar no espelho, foi solicitado que as participantes voltassem a formar um círculo e que, cada uma que sentisse vontade, compartilhasse com as demais como foi a experiência, os aspectos positivos e negativos e o que foi escrito ou desenhado na folha de papel.

No decorrer do compartilhar da experiência, uma das mulheres presentes comentou sobre a dificuldade em realizar a atividade, comentário este que foi compartilhado por outras. Compreende-se que a dificuldade de realizar o exercício proposto corresponde aos desafios de olhar para si na vida cotidiana. Poder partilhar essa vivência pode ter efeitos importantes e, nesse sentido, os grupos na AB são potentes por proporcionar um rico espaço de troca onde várias pessoas de uma mesma comunidade, que possuem pensamentos, valores e histórias de vida semelhantes, podem juntas compartilhar experiências e desafios (Furlan & Campos, 2010).

Para além da comunicação verbal, o compartilhar no grupo também pode realçar subjetividades difíceis de serem expressas, mas que nele podem encontrar um lugar de apoio, escuta e acolhimento (Furlan & Campos, 2010). O desconforto gerado pelos espelhos foi também compartilhado por outras mulheres que estavam presentes, que destacaram sentimentos de vergonha, frustração e incômodo em se olhar e pontuar o que viam e sentiam.

Propor uma atividade de olhar para si busca contrapor o fato das mulheres serem, historicamente, encarregadas de cuidar da família e do lar, visto que o ser mulher se refere exclusivamente ao papel de cuidadora e mãe,

enquanto aos homens cabe o sustento da casa. Por essa perspectiva, o cuidado do outro sempre esteve atrelado ao feminino. Ainda que atualmente tal perspectiva esteja em mudança, ao se falar dos conceitos de saúde da mulher, observa-se que muitas concepções ainda compreendem o campo feminino com base nas funções reprodutivas e no papel da maternidade (Nunes *et al.*, 2014). Nesse cenário, outras dimensões tão importantes podem vir a ser deixadas de lado e as outras vivências desses sujeitos não reconhecidas no processo de saúde.

Para Coelho *et al.* (2009), é preciso construir práticas mais efetivas de cuidado no cotidiano dos serviços de saúde, o que exige dos profissionais envolvidos no trabalho a compreensão das multiplicidades que permeiam cada usuário. No campo feminino, as ações devem privilegiar, para além do biomédico, um olhar que destaque as suas especificidades e o contexto em que as necessidades são geradas. “(...) o cuidado deve ser permeado pelo acolhimento com escuta sensível de suas demandas, valorizando-se a influência das relações de gênero, raça/cor, classe e geração no processo de saúde e de adoecimento das mulheres” (Coelho *et al.*, 2009, p. 2).

Diante disso, a Psicologia inserida nas políticas públicas ressalta a busca por trazer um novo olhar sobre as práticas. A nova lógica de atenção à saúde exige dos profissionais novos modos de atuação. Ao fugir de uma visão psicopatologizante, os psicólogos nesses espaços são convidados a reinventar práticas tradicionais, em direção de uma produção de saúde e qualidade de vida (Iglesias *et al.*, 2009; Furtado & Carvalho, 2015). O grupo de mulheres desde a sua criação compactua com tais visões e busca trabalhar com elementos acessíveis e que estão presentes nas histórias e vivências das usuárias do território.

No encontro apresentado, já em círculo e com as folhas em mãos, outras mulheres trouxeram suas características físicas e também qualidades pessoais. Reconheceram, novamente, a dificuldade de estar realizando o exercício, mas também mencionaram que entendem a importância em se cuidar e separar momentos do cotidiano para realizar algo que lhe dê

satisfação. Apesar da intensa rotina do dia a dia e a dedicação com a família e os cuidados da casa, ressalta-se o valor de tirar um momento para se olhar e se cuidar, o que não se restringe a aspectos do corpo e bens materiais. Entende-se que: “à medida que se conhece o que é necessário para busca do bem estar, as pessoas podem compreender a importância de se colocar o “cuidar de si” em prioridade, nas atividades da vida em geral (...)” (Pacheco & Antunes, 2015, p. 9).

As práticas de cuidado de si exigem uma postura de ocupação pessoal, cuidar de si mesmo, constituir-se na descoberta e construção de um novo caminho (Silveira & Lunardi, 1999). O cuidado de si mesmo pode levar os indivíduos a buscar novos modos de atuar, em um movimento rico e transformador. No caso do grupo de mulheres, as práticas também engendram uma nova perspectiva sobre a saúde e o adoecer, já que o cuidar de si comparece como estratégia de cuidado tanto no âmbito da saúde física quanto mental.

As mulheres na atividade com os espelhos, que reverberou em vários encontros, puderam juntas, mesmo com diferentes respostas, estabelecer um momento de reflexão sobre as principais queixas que as trouxeram para o grupo. Juntas puderam refletir sobre as suas dificuldades e as questões que as envolvem e as entrelaçam. Como mulheres que dedicaram a vida ao cuidado do lar e o cuidado sempre voltado aos outros, estarem nesse espaço é um passo importante para que outro olhar sobre a saúde e o cuidado possa vir a ser construído. O encontro se constituiu, assim, como um espaço de escuta, acolhimento e compartilhamento de vivências potentes e enriquecedoras que respeita as especificidades do universo da mulher (Coelho *et al.*, 2009).

Considerações finais

O campo da Psicologia inserido na saúde pública, é convidado a repensar os moldes tradicionais de atendimento, que pontuam práticas individuais e segmentadas. A saúde caracteriza-se como um processo amplo

e que envolve outros fatores que não somente a doença e os sintomas. Estar na AB implica uma dimensão coletiva, em que o território e os elementos que o compõe devem ser levados em conta.

Neste contexto, as mulheres que são as principais usuárias do serviço de saúde devem ser preconizadas nas práticas de cuidado. As ações em saúde devem levar em conta as múltiplas dimensões que envolvem essas usuárias e as diferentes realidades inseridas. As questões que abrangem o universo feminino devem ser escutadas e acolhidas de modo sensível, visto que a influência de elementos sociais, culturais e econômicos que circundam o território e os sujeitos devem ser respeitados.

O relato de experiência evidenciou aspectos positivos importantes, porém, nesse contexto, torna-se evidente a necessidade de que o tema seja continuamente abordado. Nessa perspectiva, é imprescindível a elaboração de mais estudos que abordem a formação de grupos com o público feminino, a utilização do autocuidado como proposta de intervenção grupal e a necessidade de que os profissionais da saúde se capacitem. Apesar dos avanços, ainda existem muitos desafios na atenção à saúde da mulher.

Referências

ALEXANDRE, Marta de Lima, & Romagnoli, Roberta Carvalho. *Prática do Psicólogo na Atenção Básica - SUS: conexões com a clínica no território*. Contextos Clínicos, v. 10, n. 2, p. 284-299, jul./dez. 2017. DOI:<https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2017.102.12>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v10n2/v10n2a13.pdf>. Acesso em: 08 novembro 2021.

BELOTTI, Meyrielle; Iglesias, Alexandra & Avellar, Luziane Zacché. *Análise Documental sobre as Normativas do Trabalho no Núcleo Ampliado de Saúde da Família*. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 39, p. 1-14, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003185025>.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000100123&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 jan. 2021. Acesso em: 11 janeiro 2021.

CALENTE, Daniele Stange. *A experiência do grupo condutor na implantação do NASF em Vitória-ES*. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) -

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Vitória, ES, 2017 . Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_11452_DANIELE%20STANGE.pdf. Acesso em: 14 fevereiro 2021.

CELA, Mariana, & Oliveira, Isabel Fernandes de. *O psicólogo no Núcleo de Apoio à saúde da Família: articulação de saberes e ações*. Estudos de Psicologia, Natal, v. 20, n. 1, p. 31-39, jan./mar. 2015. DOI: <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/5Gg5MVWCJvXmGxkzGLLs5kq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 de julho de 2021.

COELHO, Edméia de Almeida Cardoso, Silva, Carla Tatiane Oliveira, Oliveira, Jeane Freitas de, & Almeida, Mariza Silva. *Integralidade do cuidado à saúde da mulher: limites da prática profissional*. Escola Anna Nery, v. 13, n. 1, p. 154-160, jan./mar. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000100021>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/wBdMvhhJTLJnr7cC8S64NXx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 13 março 2021.

FURLAN, Paula Giovana, & Campos, Gastão Wagner de Sousa (2010). *Os grupos na atenção básica à saúde*. In Brasil, Cadernos HumanizaSUS (Atenção Básica - Série B. Textos Básicos de Saúde, Volume 2, Cap. 7, 105-116. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Recuperado de http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizasus_atencao_basica.pdf. Acesso em: 4 abril 2021.

FURTADO, Maria Edilânia Matos Ferreira, & Carvalho, Liliane Brandão. (2015). *O psicólogo no NASF: potencialidades e desafios de um profissional de referência*. Revista Psicologia e Saúde, Campo Grande, v. 7, n. 1, p. 9-17, jan./jun. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2015000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 06 junho 2021.

IBGE. (2010). *População no último censo: Censo Demográfico*. Disponível em: http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/dados_socioeconomicos/populacao/2000_2010/tab5.asp. Acesso em: 08 novembro 2022.

IGLESIAS, Alexandra, Guerra, Bárbara Costa, Soares, Josélia, & Araujo, Maristela Dalbello. *Análisis de las acciones de promoción de la salud realizadas por psicólogos en Vitória (ES)*. Psicologia: teoria e prática, v. 11, n. 1, 110-127, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872009000100010&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 03 janeiro 2021.

LACERDA, Mayara Karoline Silva, Pereira, Ana Carolina Amaral, Castro, Eveline Andries de, & Santos, Patrícia. Uma experiência de implantação de um grupo de mulheres: entre dizeres e fazeres. *Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde*, Três Corações, v. 9, n. 1, p. 23-32, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/D%C3%A9bora%20Ramos/Downloads/4367-10952009-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 agosto 2021.

MARQUES, Ana Alice Dalla Valle, & Oliveira, Rafael Wolski de. *Possíveis contribuições da psicologia na estratégia de saúde da família: interdisciplinaridade entre fazeres e saberes*. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, v. 6, n. 2, p. 39-58,

dez. 2015. DOI: 10.5433/2236-6407.2015v6n2p38. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072015000200004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 08 novembro 2021.

MOLITERNO, Ian Marinho de, Vieira Jennifer Bruna dos Santos., Araújo Luana Karla Oliveira de, Caldas, Lucas Fittipaldi Neves., Mello, Maria Karollina Padilha Maia Gomes de, & Júnior, José Rodrigues Rocha. *A atuação do psicólogo com grupos terapêuticos*. Caderno De Graduação - Ciências Biológicas E Da Saúde – UNIT, Alagoas, v. 1, p. 95-98, 2012. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitsbiosauade/article/view/460>. Acesso em: 10 setembro 2021.

NUNES, Joyce Mazza, Oliveira, Eliany Nazaré, Machado, Maria de Fátima Antero Sousa, Costa, Patrícia Neyva Pinheiro da, Vieira, Neiva Francenely Cunha. *Ser mulher e participar de grupo educativo em saúde na comunidade: motivações e expectativas* [Being a woman and taking part in a communityhealth educational group: motivations and expectations]. Revista Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 123-128, jan./fev. 2014 Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/11466>. Acesso em: 08 maio 2022.

PACHECO, Aline Esteves & Antunes, Maria José Moraes. *Revisão da literatura sobre motivação para o autocuidado na atenção primária em saúde*. Rev. G&S, v. 6, n. 3, p. 907-2918, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/3288>. Acesso em: 14 de janeiro 2022.

SILVA, Gabriela Martins, Guanaes-Lorenzi, Carla, & Ness, Ottar. *Manejando imprevistos na facilitação grupal: um estudo de caso com o exercício como se*. Revista da SPAGESP, v. 19, n. 1, p. 6-20, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702018000100002&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 16 dezembro 2021.

SILVEIRA Rosemary Silva da & Lunardi, Valéria Lerch. O conhecimento de si como possibilidade para a transformação de si e do coletivo. Rev. Bras. Enferm., Brasília, v. 52, n.4, p. 514-519, out./dez. 1999. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71671999000400004&lng=e&nrm=iso. Acesso em: 01 novembro 2021.

TIVERON, Juliana Dal Ponte & Guanaes-Lorenzi (2013). *Tensões do trabalho com grupos na estratégia de saúde da família*. Psico, Porto Alegre, v. 44, n.3, p. 391-401, jul/set 2013.

Recebido em outubro de 2022.
Aprovado em dezembro de 2022.